

dispositivo de receptividade e resistência; sendo por conta disso que o teatro anarquista atuou como ferramenta ideológica que acompanhou as greves” (ibidem).

Lara Orozco estabelece claramente que os anarquistas, ao contrário da estética e política burguesas, “vinculavam a arte com o povo e para o povo de modo acessível, descartavam a arte burguesa por ser hierárquica, a serviço do capital e segregadora do setor popular” (p. 73). O livro confirma, assim, um dos princípios fundamentais do anarquismo: a meta de educar o povo, de levá-lo à conscientização como ser humano e como lutador em prol da Revolução social pela literatura, pela imagem gráfica, pela imprensa e pelo teatro. As páginas finais do livro dedicam-se a certas conclusões que completam o compromisso pessoal da autora. Sua investigação lhe confirma uma premissa essencial do livro: “o que o discurso artístico da possibilidade de intercambiar registros semióticos para não irromper no papel do historiador”, e que ela mesma, “como historiadora da arte e investigadora das artes cênicas” (p. 169), indica a arte como porta-voz do feito histórico e das práticas anarcossindicalistas que justificam “os rituais estéticos criados pela necessidade ideológica usando a arte como ferramenta simbólica” (p. 169).

Este importante e original livro também deixa muito claro que os lutadores do teatro anarquista seguiram as premissas fundamentais do anarquismo: a valorização do homem como indivíduo e sua capacidade de coexistência com seus semelhantes; a solidariedade como elemento da comunhão humana; o grande valor atribuído à cultura como transmissora e propagadora de ideais, e como arma de luta acessível a todas as classes sociais.

Deve-se destacar o caráter pioneiro dessa pesquisa, levada a cabo com um rigoroso tratamento metodológico. A aproximação respeitosa ao tema está sempre unida a um impecável rigor histórico e crítico. Sua aproximação a esse mundo se dá distanciado das histórias e das literaturas oficiais. E, também pelo tema em si, registra-se seu otimismo, pois talvez, apesar de todos os fracassos, das lutas perdidas, das repressões sofridas pelo anarquismo em sua longa história, deste olhar sobre a cultura anarquista de Veracruz se desprende uma esperança sobre a liberdade do homem.

Empreendi meus estudos sobre o anarquismo desde já muitos anos, inspirada por um encontro que tive, justamente no México, com um antigo combatente da Guerra Civil Espanhola, Don Hermoso Plaja, um ancião cheio de entusiasmo e fé no futuro. Desde sua chegada ao México, Don Hermoso havia comprado jornais, revistas e obras anarquistas em sebos e no mercado da Lagunilla até formar uma magnífica coleção que enchia completamente seu humilde apartamento. Passei a tarde escutando o que me contava sobre as ideias anarquistas, o entusiasmo dos anarquistas pela cultura, e sobre o grupo de teatro experimental que os companheiros de Palafrugell, seu lugar de origem, tinham formado antes da guerra. Esse grupo havia servido como ponto de reunião, de solidariedade, de aprendizado e de luta. Desde aquela entrevista, fiquei comovida pela grande atração que tem esse movimento pela cultura. Devo comentar que, nesse sentido, Don Hermoso era uma figura muito frequente entre os anarquistas no México. Contou-me que o filme *Tierra sin pan*, de Buñuel, foi paga por um militante que ganhou na loteria.

Tempos depois, me reuni com outros velhos anarquistas espanhóis que tinham passado pela Guerra Civil. Uma das entrevistas mais comoventes foi com um antigo combatente, proveniente de Zaragoza. Disse que tinha sido pastor, muito pobre e analfabeto, e que aprendeu a ler para poder ter acesso aos textos anarquistas. Logo se juntou a um grupo de teatro experimental que encenava, entre outras, várias obras de Ibsen...

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

## cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

LUÍZA UEHARA

Tanaka Hikaru, Masaya Hiyazaki, Chiharu Yamanaka (ed.).  
グローバル・アナーキズムの過去・現在・未来～現代日本の新しいアナーキズム (*Global anarchism: past, present and future – New anarchism in Japan*). Kansai, Anarchism Studies Kansai, 2014, 178 pp.

Cogumelos possuem inúmeras propriedades. Podem ser comestíveis, medicinais, psicoativos e tóxicos. Cogumelos selvagens brotam em alguns períodos do ano

*Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.*

Cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

após chuvas, em meio a folhas mortas, podendo estar em locais descobertos e ensolarados, como também nas sombras, embaixo das árvores e em troncos velhos.

*Cogumelos selvagens* foi o termo que Higuchi Takuro, anarquista japonês e ativista anti-energia nuclear, tomou emprestado do anarquista filipino Bas Umali para se referir às práticas anarquistas. Como *cogumelos selvagens*, os anarquistas podem ser desconsiderados ou passarem despercebidos, mas nunca estarão quietos e emergirão onde menos se espera.

Desse desassossego, em 19 de novembro de 2013, na Torre da Liberdade da Universidade Meiji em Tóquio, ocorreu o Simpósio Internacional *Global anarchism: past, presente and future. Connecting Asia to the World* (Anarquismo Global: passado, presente e futuro. Conectando a Ásia com o mundo).

O Simpósio foi organizado por Tanaka Hikaru, anarquista e professor na faculdade de Educação na Universidade Kyooiku de Osaka. A articulação para a realização do evento ocorreu quando Hikaru foi ao encontro anarquista de St. Imier, em agosto de 2012. Ali se aproximou de Higuchi Takuro e do austríaco e doutor em filosofia Gabriel Kuhn – este seria convidado para realizar palestras no Japão no ano seguinte.

O Simpósio foi um acontecimento. Desde o começo da década de 2000, jovens pesquisadores japoneses interessam-se pelos anarquismos. Entretanto, esse foi o primeiro evento anarquista dentro de uma universidade japonesa e contou com anarquistas de diferentes procedências. Não somente atuantes dentro da universidade, mas militantes com presença em outras frentes de luta.

Deste acontecimento foi lançado o livro *Global anarchism: past, presente and future – new anarchism in Japan* (Anarquismo global: passado, presente e futuro – novo anarquismo no Japão), organizado também por Hikaru juntamente com Hiyazaki Masaya e Chiharu Yamanaka. Masaya é doutor em Ciência Política e Economia pela Universidade Meiji e pesquisa a história dos anarquismos no Japão; Yamanaka é doutor pela Universidade de Arte do Japão e pesquisadora na instituição.

O breve negro livro é composto pelas apresentações orais dos participantes do evento e está dividido entre a versão em japonês e em inglês. Pequeno no tamanho, mas saboroso e também inaugural: primeiro livro bilíngue anarquista lançado no Japão. Esses mesmos artigos podem ser acessados no blog da associação Anarchism Studies (disponível em: <http://kansai-anarchismstudies.blogspot.com.br/>), mantido por Tanaka Hikaru.

A Anarchism Studies, com sede em Kansai, realiza estudos sobre anarquismos desde dezembro de 2012. No blog bilíngue constata-se uma série de conexões com outras associações anarquistas, como o CIRA da Suíça e federações anarquistas europeias. A Anarchism Studies ainda realiza eventos e é a responsável pela publicação do livro.

A publicação impressa, além das falas, possui a transcrição das breves considerações finais feitas por Yamanaka Chiharu, uma das organizadoras do livro, e Nakata Norihito, que desenvolve pesquisa de doutorado sobre anarquismos na Escola de Ciência Política da Universidade de Waseda. Ao todo são 5 artigos, sendo um de Gabriel Kuhn, no qual elencou alguns elementos do

Cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

*anarquismo global*. Sua perspectiva de *anarquismo global* é semelhante à de Hikaru, ou seja, a presença dos anarquistas em vários espaços independente de uma *tradição*. Os anarquistas não dependem do passado, mas se fortalecem com ele e inventam novas práticas nos presente.

Em textos breves, a publicação traz tanto eventos anarquistas no Japão no começo do século XX como também algumas práticas contemporâneas na Ásia. O conceito de *anarquismo global* atravessa o livro e Tanaka Hikaru o define como a presença dos anarquistas em qualquer lugar do planeta. Assim, os artigos mostram as práticas anarquistas japonesas no começo do século XX em sua atualidade: as retomam a fim de afirmar a urgência de práticas de liberdade hoje. O artigo de Hikaru aponta para a força que a presença anarquista na Ásia contemporânea ganhou com o movimento anarcopunk. O *do it yourself* (faça você mesmo), a experiência estética e as músicas de combate do punk trouxeram uma resistência diária.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, com a destruição causada pelas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki e a devastação causada pelos seus efeitos imediatos e posteriores, os anarquistas tentaram se rearticular, mas enfrentaram inúmeras dificuldades procedentes da guerra: reconstrução de casas, busca de desaparecidos, falta de alimentos, alimentos e água contaminados pela radiação, crianças abandonadas, inúmeras pessoas mutiladas, doentes, cânceres...

Somava-se a tudo isso a presença de militares estadunidenses por todo o território japonês e a instalação da base militar em Okinawa, uma das imposições da derrota na guerra e ativa até hoje. Diante disso, foi com

a vitalidade e energia do punk que os anarquistas se atualizaram no Japão. Nas décadas de 1980 e 1990, novas práticas emergiram não somente ali, mas também na China, Taiwan, Filipinas e Coreia.

Higuchi Takuro, no artigo *Global anarchism and the will of the Earth – Implications of eastern resonances* (Anarquismo global e a vontade da Terra – implicações das ressonâncias orientais), mostra a atualização dos anarquistas por meio do punk, somadas às manifestações de Seattle em 1999 contra a globalização e à consolidação da internet. Takuro conheceu essas experiências a partir de suas viagens pela Ásia, as quais define como uma caminhada que possibilitou desterritorializar a terra de fronteiras estatais. Assim, Takuro confirma como os anarquistas desconhecem territórios, estabelecem inúmeros contatos em suas lutas cotidianas e fazem suas *caminhadas* e fugas independente das autorizações.

Essas *caminhadas*, no final do século XIX e início do XX, levaram a uma série de perseguições aos anarquistas pelo governo japonês. As ações neste período, para a perspectiva do *anarquismo global*, não podem ser desmerecidas, uma vez que carregam acontecimentos que rompem com a narrativa fundada na nacionalidade.

O artigo de Tanaka Hikaru, *Rereading the history of Japanese anarchism in the context of global anarchism history* (Relendo a história do anarquismo japonês no contexto da história do anarquismo global), recorda os anarquistas que nasceram no Japão e fizeram suas *caminhadas*: Kotoku Shusui (1871-1991), Ishikawa Sanshiro (1876-1956), Iwasa Sakutarō (1876-1967), Tsuji Jun (1884-1944),

Cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

Osugi Sakae (1885-1923), Yamaga Taiji (1892-1970) ou Kubo Yuzuru (1903-1961).

Hikaru destaca as ações de Kaneko Fumiko que, além de mulher, era pobre, enquanto os anarquistas nesse período eram predominantemente homens e com condições financeiras minimamente estáveis. Fumiko foi violentada pelo pai, abandonada pela mãe e explorada pelos avós. Por não ter sido registrada pela sua família, desde pequena sentiu os reflexos das leis, da burocracia: “apesar da minha presença física, a lei não reconhece a minha existência porque não estou inscrita no registro da família. Por apenas essa razão as pessoas não aceitam a minha existência e eu mergulhei na miséria. O poder do homem de fazer leis tem essa autoridade de reconhecer ou negar a existência real de um ser humano” (Fumiko *apud* Hikaru, p. 132). O simples fato de Fumiko não estar presente em uma árvore genealógica já era uma afronta para a sociedade japonesa. Ela também viveu na Coreia, e a partir dessa *caminhada* instaurou nos anarquismos uma discussão a respeito da exploração dos coreanos pelos japoneses. Apaixonou-se pelo coreano Yol Park e com ele fundou, no Japão, a associação *Os insubordinados*, nome que os japoneses usavam para referirem-se aos coreanos. A associação realizava leituras de obras de anarquistas europeus e era composta por estudantes, coreanos, trabalhadores, budistas... Entretanto, com o grande terremoto que atingiu o Japão em 1º de setembro de 1923, o governo japonês aproveitou para prender vários integrantes da associação. Após torturas, alguns integrantes confessaram haver um plano de tentar assassinar o príncipe durante seu casamento. Fumiko e Park acabaram confessando que o plano seria apenas dos dois, e os outros integrantes foram libertos. O casal foi

condenado à morte, mas o Imperador os perdoou, em um gesto de benevolência, e os condenou à prisão e a serviços perpétuos. Em um ato final, Fumiko cometeu suicídio. “Eu recuso cada intervenção do Estado ou do governo e qualquer outro que não seja a verdadeira ordem que queima dentro de mim” (Fumiko *apud* Hikaru, p. 134).

O mesmo terremoto que levou à prisão Fukimo e Park foi também utilizado como desculpa para o assassinato de seis mil coreanos por grupos nacionalistas japoneses, e também para o assassinato de Osugi Sakae, sua companheira Ito Noe, e seu sobrinho de seis anos. Kurihara Yasushi, anarquista interessado no pensamento de Osugi Sakae, em “*Thoughts on uprising – Sakae Osugi’s interpretation of the Rice Riots*” (Pensamento sobre a revolta – a interpretação de Osugi Sakae da Revolta do Arroz), aborda o pensamento de Sakae, os contatos que estabeleceu com os anarquistas europeus e como foi assassinado pelo governo japonês. Sakae Osugi esteve presente na *Revolta do arroz* (1918) quando vários estabelecimentos e guaritas policiais foram derrubados. Era uma revolta não somente contra o preço abusivo do arroz, mas contra um estilo de vida industrial que estava sendo imposto às pessoas. Saques se espalharam por Kyoto, Osaka e Kobe. Os ataques aumentavam na mesma proporção em que crescia o número de miseráveis no Japão. Para Sakae, como destaca Yasushi, o descontentamento de cada dia tornou-se a arma das pessoas. O resultado: guaritas policiais, lojas, mercearias, entre outros espaços, queimados, destruídos e mais de sete mil pessoas presas. Dois meses após Sakae ter sido deportado da França – quando lá entrou ilegalmente para participar de um encontro anarquista –, foi assassinado pela polícia japonesa, juntamente com a

Cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

sua companheira Ito Noe e seu sobrinho. Os três foram torturados, espancados e estrangulados. Seus corpos foram encontrados em decomposição dias depois em um poço. Jogar os corpos no poço era uma tentativa do governo japonês de vincular suas mortes ao terremoto que atingiu o Japão em 1926.

Para Sakae, o que ficou dos levantes, o que ficou dessa diferença que tomou forma enquanto revolta, foi um *espírito* que não podia ser esquecido, apesar de ter sido sufocado. Hiyazaki Masaya, uma das organizadoras do livro, em *Between Revolution and War – From the Perspective of Osugi's theory of "the expansion of life"* (Entre a revolução de a guerra – do ponto de vista da teoria da “expansão da vida” de Osugi), situa que o pensamento de Sakae parte da discórdia, ou seja, não somos uniformes nem iguais, e qualquer maneira de tentar identificar as pessoas como as mesmas é uma arbitrariedade. “Oh, lutando contra esta ‘ordem’ nós devemos seguir a ‘desordem’ na nossa vida. ‘Ordem’ é a verdadeira morte, e ‘desordem’ é a nossa verdadeira vida” (p. 114).

Diante de tantas uniformizações, o pensamento de Sakae é atual. Assim como a *Revolta do arroz*, não pode ser esquecida. Yakuchi faz um paralelo entre os vazamentos de Fukushima e a urgência da *Revolta do arroz*. Fukushima seria um alerta: onde a radiação atinge ela não vai embora, mas o capitalismo permanecerá. Pessoas morrerão de câncer, serão inválidas para trabalhar, gerações terão sua alimentação comprometida. Isso acontece em uma sociedade que só insulta. É preciso pensar na ajuda mútua, é preciso sair da vida ordinária. Não se pode esquecer a *Revolta do Arroz*. É preciso agredir a propriedade, não aceitar, partir para a ilegalidade: “Não iremos obedecer.

Vamos desperdiçar tempo para valer! Se os capitalistas ainda não entenderam: isso é uma luta. Deem nas caras deles! Quebrem as máquinas das fábricas! (...) Se a segurança estiver muito rigorosa no dia, vamos atacar em segredo no cair da noite e vamos colocar areia nas máquinas e, se começar uma briga, a polícia será chamada. Se esconda e espere a guarita ficar vazia e derrube-a” (p. 127).

O livro marca tanto a entrada dos anarquistas na universidade no Japão, quanto a divulgação dos anarquismos na Ásia para o planeta. Como *cogumelos*, que brotam sem avisar, os anarquistas emergem em todos os cantos.

Que muitos outros eventos como este ocorram nos próximos anos, dentro ou fora das universidades. Saúde ao próximo evento que será realizado no dia 6 de agosto de 2015, em Hiroshima, por conta dos 70 anos do lançamento da bomba nuclear, também organizado por Tanaka Hikaru. Saúde aos anarquistas no Japão, na Ásia e em todos os cantos do planeta!